

A CONSTRUÇÃO DO AMBIENTE ALFABETIZADOR NO ENSINO FUNDAMENTAL DE NOVE ANOS

Leidiane Rocha Leodoro Campos¹, Claudia Maria Sahade Laurino²
Orientador(es): Prof^a. MSc. Vera Lúcia Catoto Dias³, Prof^a. MSc. Anamaria da Silva
Martin Gascón Oliveira⁴

^{1,2} Universidade do Vale do Paraíba – UNIVAP, Faculdade de Educação e Arte, FEA
Campus Aquáriu – Rua: Tertuliano Delphin Jr., 181, Jardim Aquáriu, CEP 12242-080 – SJC, SP.

^{3,4} Universidade do Vale do Paraíba, UNIVAP, Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, IP&D
Núcleo de Pesquisa Formação de Educadores, NUPEFE

Avenida: Shishima Hifumi, 2911, Campus Urbanova, CEP 12244 000, São José dos Campos, SP.

leidianerocha1@hotmail.com, claudiams12010@hotmail.com, vcatoto@univap.br, gascon@univap.br

Resumo: Este trabalho é resultado de investigação inicial do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, PIBID, pelo convênio firmado entre a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Capes e a Universidade do Vale do Paraíba, UNIVAP (Edital nº018/2010/CAPS - Projeto nº 2333/2010). Tem como objetivo investigar a construção do ambiente alfabetizador como facilitador na construção da língua escrita em salas de alfabetização no primeiro ano do Ensino Fundamental de 9 anos. O trabalho foi focado em observações participantes em duas salas de 1º Ano na Rede Estadual, localizadas na região do Vale do Paraíba. A fundamentação foi orientada nas teorias de Jean Piaget (1896-1980), Emilia Ferreiro(1937) e Ana Teberosky(1985). Com nossas observações pudemos questionar como a escola está ajustando-se as novas orientações da legislação para adaptar este meio às crianças de 6 anos.

Palavras-chave: Ambiente Alfabetizador, Ensino Fundamental, Alfabetização, Aprendizagem. Aluno de seis anos.

Área do Conhecimento: Humanas/Educação

Introdução

Um programa realizado em 2004, com alguns encontros regionais, com diversos sistemas de ensino, tinha como meta a Ampliação do Ensino Fundamental para nove anos, sendo uma das prioridades do Ministério da Educação.

O Brasil obteve um avanço em direção à democratização do acesso e da permanência dos alunos no Ensino Fundamental, pois hoje cerca de 97% das crianças estão na escola, mas infelizmente o modelo Educacional que estava em vigor, não conseguiu atingir a construção de um cidadão responsável e comprometido com o seu futuro e com o do país.

Hoje já existe uma nova escola em construção, que resulta de um amplo e recente movimento de renovação pedagógica que quer transformar o ensino estrutural tradicional em um ensino democrático para todos, embasado na realidade brasileira constituída por uma sociedade desigual e contraditória.

Desses movimentos realizados pelos trabalhadores da educação, Universidades, sociedade civil organizada e sistemas de ensino,

surgiram uma consciência da necessidade de construção de uma escola comprometida com a cidadania que caminhe para a real inclusão do aluno.

Conforme o Plano Nacional de Educação, PNE, em (BRASIL, 2010) a determinação legal (LEI nº10.172/2001, meta 2 do Ensino Fundamental) de implantar progressivamente o Ensino Fundamental de nove anos, pela inclusão das crianças de seis anos de idade tem duas intenções; oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória e assegurar que, ingressando mais cedo ao sistema de ensino as crianças prossigam nos estudos, alcançando maior nível de escolaridade. Não se trata de transferir para as crianças de seis anos os conteúdos da tradicional primeira série, mas de conceber uma nova estrutura de organização dos conteúdos em um Ensino Fundamental de nove anos, considerando o perfil de seus alunos.

O objetivo de um número maior de anos de ensino obrigatório é assegurar a todas as crianças um tempo mais longo de convívio

escolar, maiores oportunidades de aprender e com isso uma aprendizagem mais ampla.

Esta mudança realizada no ensino brasileiro mostrou que ainda algumas escolas possuem uma falta de estrutura em suas escolas, tanto espacial como de formação docente precisando levar ao seu aperfeiçoamento e adequação gradativa e responsável.

Várias teorias e propostas foram surgindo para se estabelecer um novo parâmetro de educação. No Brasil, as instituições particulares desenvolvem uma diversidade de teorias e propostas educacionais, mas a educação estadual segue uma linha que baseados nos estudos de Jean Piaget (1896-1980) que apesar de não ser pedagogo e sim médico, exerceu significativa influência na pedagogia do século XX, e considerava o conhecimento como um processo de organização de dados e adaptações do meio.

Segundo Emília Ferreiro (1937) e Ana Teberosky (1985), a criança desenvolve sua própria maneira de aprender a ler e a escrever, buscando construir seu conhecimento através da elaboração de hipóteses e é só o conflito cognitivo que permite a ela avanços frente ao sistema de escrita e leitura. Este processo conta com a bagagem social do indivíduo e com sua interação com o mundo físico.

Nessa faixa etária a criança já apresenta grandes possibilidades de simbolizar o pensamento, fazendo uso de múltiplas linguagens. Vive um momento crucial de sua vida no que se refere à construção de sua autonomia e de sua identidade.

Estabelecem também laços sociais e afetivos e constroem seus conhecimentos na interação com outras crianças da mesma faixa etária, bem como com adultos com os quais se relacionam. Além disso, fazem uso pleno de suas possibilidades de representar o mundo, construindo, a partir de uma lógica própria, explicações bem específicas para compreendê-lo.

Nessa idade a criança que vive numa sociedade letrada, possui um forte desejo de aprender e em contato com diferentes formas de representações e sendo desafiada, a criança vai descobrindo e progressivamente, aprendendo a usar as múltiplas linguagens.

A escola possui um papel fundamental e decisivo para a construção da aprendizagem da criança. Precisa estar profundamente comprometida em oferecer uma educação apropriada e com os recursos necessários para essa interação com o meio, seu crescimento e desenvolvimento do intelecto.

Todos são sujeitos do conhecimento e constroem conhecimento sobre a leitura e a escrita, antes mesmo de um ensino sistemático e para que isso ocorra, é necessário que a criança

esteja exposta a práticas sociais e reais de leitura e escrita.

Abordaremos então como seria este ambiente alfabetizador, “para que eles leiam sem ver e escrevam sem perceber”. Para que este ambiente atinja o seu propósito, promovendo um conjunto de situações de usos reais de leitura e escrita nas quais a criança tenham a oportunidade de participar e se integrem ao mundo letrado, formando-se usuários da leitura e da escrita num contexto de sociedade.

Metodologia

A pesquisa foi desenvolvida pela observação participante, durante o primeiro semestre do ano letivo de 2011, realizada em uma escola da rede pública de ensino localizada na região do Vale do Paraíba, em duas salas de aulas, (Sala A e Sala B) do 1º ano do ensino fundamental de nove anos, com crianças de seis anos de idade, no primeiro semestre do ano letivo de 2011.

A metodologia centrou-se no entrecruzamento entre teoria e prática sobre a construção do ambiente alfabetizador. Identificando assim: a) organização da sala de alfabetização; b) sala ambiente de alfabetização; c) espaço físico adequado ao número e faixa etária de seis anos; d) a configuração da sala e aula e mobiliário.

Resultados

No início do ano, o primeiro ano possuía apenas uma única sala com trinta e oito alunos matriculados deixando a professora um pouco apreensiva em conseguir realizar o seu trabalho com responsabilidade e seriedade, para um total aproveitamento de seus alunos. Esta professora também estava sentindo-se insegura, pois sua maior experiência foi nas salas de quarto e quinto ano, sendo atribuído a ela este ano, a sala do primeiro ano, além de estar para se aposentar.

Esses dois fatores contribuíram para um início turbulento e com vários desafios, mas com o apoio da coordenadora pedagógica, a professora, após o susto mostrou-se interessada e aberta para esta nova aprendizagem.

O ambiente era pequeno, mas dava para ser adaptado pela professora. As carteiras sempre se encontravam organizadas separadas e em fileiras, o que não atende à proposta construtivista que estimula o agrupamento para a troca de conhecimento entre as crianças em seus diferentes níveis de aprendizagem.

A professora já possuía uma rotina de aula e iniciava com uma história, às vezes escolhida

pelas crianças ou por ela mesma. Após a leitura, fazia uma breve exploração oral do texto lido e então iniciava as atividades planejadas.

A sala possui cartazes de nomes, de numerais, clima, dias da semana, mês e ano e listas de assuntos específicos trabalhados, exemplo; de supermercado. A professora explorava diariamente os cartazes dos nomes, da semana, do clima e durante as atividades de matemática, o cartaz de numerais.

Em cavaletes a professora explorou textos variados como; parlendas, trava-línguas, poesias, receitas e outros, em diferentes momentos.

Percebemos que há uma falta de atividades lúdicas, dos cantinhos, da exploração de materiais e jogos pedagógicos como; letras móveis, material dourado, material Cusineire e outros, que auxiliam as crianças durante o processo de alfabetização.

A sala possui uma caixa com uma grande variedade de livros, mas que as crianças não possuem um acesso diário devido à falta de locomoção do material, pois este se encontra guardado na sala da coordenação, junto com os materiais e jogos pedagógicos, longe da sala de aula.

Em meados de abril, as coordenações junto com a direção da escola conseguiram dividir a sala do primeiro ano em duas e a professora que já estava, fez a divisão e os selecionou e organizou de acordo com suas dificuldades, o que minimizou a interação e a troca de conhecimento durante a realização de suas atividades.

As salas foram divididas em A e B. A sala A permaneceu com a professora que já se encontrava e a sala B sentiu uma grande dificuldade em se readaptar ao novo ambiente devido à separação dos colegas e com a nova professora, pois apesar do pouco tempo de convívio, já haviam estabelecido um vínculo afetivo.

Para a sala A tudo permaneceu bem, e as atividades seguiram a rotina do planejamento. Mesmo assim não vimos a professora trabalhando com as crianças em grupos, nem explorando os jogos e materiais pedagógicos riquíssimos para o desenvolvimento pedagógico das crianças ao longo da alfabetização.

A professora convocada para a sala B estava de licença voltando apenas em agosto para iniciar o seu trabalho, o que gerou uma grande inquietação na sala já que de tempos em tempos era uma professora eventual diferente, que assumia a turma.

Mesmo assim a sala começou a criar uma identidade. Aos poucos a professora foi introduzindo os cartazes já citados, a rotina era semelhante a da sala A, com a leitura de histórias no início de cada aula. Também foram trabalhados

vários tipos de textos, e não vi as atividades lúdicas serem desenvolvidas e nem o uso dos materiais e jogos pedagógicos para o desenvolvimento das atividades.

Neste período observamos que as crianças mostraram-se inquietas e cansadas, pois a maior parte da aula se fixava em fazer atividades no livro pedagógico ou no caderno brochura, em ambas as salas.

A informação que a professora nos concedeu, foi que sala A iniciou o ano no nível pré-silábico, e que a maioria (70 à 80% já se encontravam no nível silábico sem ou com valor sonoro).

Já a sala B, obteve resultados menores (mais ou menos 50% da sala) obteve um avanço pouco significativo devido a inconstância de professor pelo período de aproximadamente 4 meses.

Discussão

Nas palavras de Emília Ferreiro, criar um ambiente alfabetizador significa:

Organizar a sala de aula de maneira que favoreçam a aquisição de conhecimento e obtenha-se ou desenvolva a participação em práticas de leitura e escrita. A participação ativa das crianças nesses momentos de letramento configura um ambiente alfabetizador (1999, 35).

Segundo uma entrevista com Ana Teberosky:

Um ambiente alfabetizador é aquele em que há uma cultura letrada, com livros, textos digitados ou em papel, um mundo de escritos que circulam socialmente. A comunidade que usa a todo o momento esses escritos, que faz circular as idéias que eles contêm, é chamada alfabetizadora

É através do ambiente que a criança terá a oportunidade de explorar e desenvolver seus conhecimentos, sendo assim, é importante que se tenha um preparo antecipado para o recebimento da criança que vem chegando mais cedo à sala de aula.

Neste momento o professor tem que estar aberto e ter um olhar positivo diante de suas possibilidades, mesmo que utilize a sala com outra turma em período contrário. Cabe a sua agilidade, dinamismo e comprometimento, modificar o ambiente de acordo com a atividade proposta.

Este ambiente letrado e adequado torna-se promissor criando estímulos “gerando frutos” na alfabetização. Deve estar presente na sala de aula, e em toda instituição para estimular o hábito da leitura não só no processo da alfabetização, mas ao longo do período escolar.

Conclusão

Nós do projeto PIBID, observamos que para um desenvolvimento saudável e construtivo é necessário transformar essa etapa da vida da criança prazerosa, significativa e com referências lúdicas e contextuais de sua realidade.

Concluimos que para esta idade, expor as crianças às práticas de leitura e escrita é aguçar a sua curiosidade e cabe ao professor motivar sua ânsia pelo saber ampliando o seu conhecimento.

Em se tratando de planejamento, sabemos que uma questão fundamental a ser enfrentada no trabalho cotidiano diz respeito ao tempo, que é sempre escasso, por isso, há necessidade de qualificá-lo didaticamente. Ministério da educação Brasília (2007. p.11).

Por isso o professor deve estar sempre se aperfeiçoando e aberto para novas propostas pedagógicas, a fim de proporcionar oportunidades para um melhor aprendizado.

Referências

- BRASIL, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília/DF: MEC/SEE, 1998.

-_____, Plano Nacional de Educação. Brasília/DF: MEC/SEE, 2010.

-_____, Ministério da Educação, Secretaria da educação Básica. **Departamento de políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Coordenação Geral do Ensino Fundamental. Ensino Fundamental de 9 anos-Orientações Gerais. 2004.**

-Teberosky, A.- Entrevista: Ambiente Alfabetizador do professor. Disponível em: <http://ambientealfabetizadorprofessor.blogspot.com>
Acessado em 6 de julho de 2011, às 15h 35m.

-Brasil. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencias curriculares nacionais para educação infantil.** Brasília. MEC/SEF, 1998.

-FERREIRO, E. e TEBEROSKY A. **Pisicoênese da língua escrita.** Porto Alegre: Editora Artmed, 1999.

-FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa-** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

-KATO, MARY A. **No mundo da escrita ;** Uma perspectiva psicolinguística. ed. Ática, 1998.

-CARDOSO, B. e TEBEROSKY, A **Reflexões sobre o Ensino da Leitura e da Escrita-** ed. Vozes 2000.